

DURVAL LOURENÇO PEREIRA JUNIOR

**A PARTICIPAÇÃO DA FEB NA 2ª GUERRA MUNDIAL –
SEU LUGAR NA MEMÓRIA SOCIAL BRASILEIRA**

Monografia integrante do concurso literário sobre a participação da FEB na 2ª Guerra Mundial

UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA

JUIZ DE FORA 2005

RESUMO

Esta monografia busca analisar a participação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Segunda Guerra Mundial sob o ponto de vista da sua presença na memória social do Brasil, ao longo dos 60 anos após o término do conflito. Inicialmente são expostos os necessários subsídios teóricos para a argumentação do trabalho monográfico, conceituando a memória, a escola, a identidade e suas relações intrínsecas. Logo após, faz-se uma breve descrição do panorama atual da educação e da cultura em nosso País. Daí, parte-se uma análise criteriosa de alguns dos principais componentes da memória social da FEB: a memória escolar, sua presença nos currículos escolares, na literatura didática; na música e na poesia; no jornalismo; em monumentos, museus e memoriais; em obras audiovisuais; em acervos fotográficos; nas entidades ligadas à FEB; na tradição oral; na memória política; e nas comemorações, com exemplos, comparações e reflexões, Fazendo uma análise criteriosa com exemplos, comparações. A descrição e a análise de alguns dos muitos componentes da memória social não pretende, de forma alguma, esgotar um campo de pesquisa extenso tanto no tempo quanto no espaço. Procura sim, em sua conclusão, estabelecer uma base crítica e sólida, como ponto de partida para a construção de mecanismos que permitam a justa valorização do sacrifício e da obra dos nosso queridos pracinhas. A participação FEB na Segunda Guerra Mundial só desempenhará um papel relevante na formação da identidade cultural brasileira quando estiver presente, de forma vigorosa e merecida, na memória social do nosso povo.

Palavras-chave: memória social, FEB, identidade cultural, educação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. DESENVOLVIMENTO	
2.1 Memória e a Identidade	6
2.2 Escola, Educação e Cultura no Brasil.....	7
2.3 Memória Social - Conceito	9
2.4 Memória Escolar	9
2.5 O Currículo Escolar e a Formação da Identidade.....	10
2.6 A Presença da FEB na Literatura Didática.....	13
2.7 Memória Musical e Poética.....	18
2.8 Memória Literária.....	19
2.9 Memória Jornalística.....	20
2.10 Monumentos, museus e memoriais.....	21
2.11 Memória Audiovisual.....	22
2.12 Memória Fotográfica.....	23
2.13 Entidades.....	23

2.14	Tradição Oral.....	23
2.15	Memória Política.....	23
2.16	Rituais e Comemorações.....	25
3.	CONCLUSÃO.....	26
4.	REFERÊNCIAS.....	30

1. INTRODUÇÃO

Uma breve reflexão sobre a história da humanidade nos mostra que as nações conquistadoras procuraram, via de regra, impor aos povos conquistados não apenas as suas leis e religião, mas também a sua cultura. Ao entrarem em confronto com povos possuidores de religiões e culturas expressivas e arraigadas, o domínio militar e político foi efêmero ou mesmo inviável.¹

Dentro desse contexto, verifica-se a importância do fortalecimento da identidade cultural brasileira, onde a memória social representa o papel de um vigoroso alicerce da nacionalidade.

A História do Brasil é repleta de momentos notáveis para a formação da nossa identidade cultural. Muitos nem sempre lembrados de forma condigna. Entre eles encontra-se o da Campanha da Força Expedicionária Brasileira (FEB), durante a Segunda Guerra Mundial. Um marco da opção histórica do Brasil pela democracia e um exemplo do poder de superação do homem brasileiro frente a toda sorte de adversidades.

Nasce daí o objetivo e a inspiração deste trabalho: analisar a participação da FEB na memória social brasileira e as causas que a relegaram à obscuridade, a partir de um estudo detalhado dos diferentes componentes da memória social, culminando numa proposta para a mudança do quadro atual.

Resgatar a memória social da FEB representa mais do que um saudável exercício de memória. Trata-se de um dever cívico revivê-la, fazendo o seu legado chegar às novas gerações de forma consistente e íntegra.

“Os homens só se lembram de Deus e as nações só valorizam seus soldados, quando sentem a sobrevivência ameaçada. Passado o perigo, a maioria dos homens esquecem-se de Deus, e as nações, de seus soldados.”

¹ ALBUQUERQUE, Francisco Roberto. Entrevista com o Gen Albuquerque. **Revista da Cultura**, Rio de Janeiro, Ano IV, n. 6 p. 5-9, Junho 2004.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Fundamentação

2.1.1 Memória e Identidade

Antes de tratarmos especificamente a respeito da memória social, precisamos compreender, de início, o real valor da memória e como ocorre o seu relacionamento com a identidade individual e coletiva. O correto entendimento dessa relação nos dará suporte para compreendermos o papel da memória na construção da identidade cultural do povo brasileiro e, principalmente, como esta construção lidou com o processo de lembrança e “esquecimento” da memória da FEB.

A identidade se estrutura a partir de três elementos essenciais: a unidade física, dada pelas fronteiras do próprio corpo; as fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso do coletivo; e, finalmente, o sentimento de continuidade dentro do tempo.

[...] Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si².

Entre memória e identidade existe uma relação estreita. Segundo Habermas “...A identidade liga-se à memória porque o que nos torna diferentes é a nossa própria história e o que nos iguala é o nosso esquecimento.”

Há ainda um aspecto fundamental da questão da construção da imagem de si, do indivíduo e do grupo, que reside no fato de sua construção ser impossível sem o embate e a negociação com o “outro”.

*[...] Vale dizer que a memória e a identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. (...) A memória e identidade são valores disputados em **conflitos sociais e intergrupais**”³.*

² Disponível em <[http:// www.memoriaeeducacao.com.br](http://www.memoriaeeducacao.com.br)>. Acesso em 10 maio 2005.

³ Ibidem.

Tanto a memória quanto a identidade são valores que partilham uma relação estreita, sendo a memória um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletivo. Ambos são objeto de disputa entre os diferentes grupos sociais pela predominância de seus valores na sociedade,

No conturbado cenário político brasileiro da segunda metade do século XX, as disputas entre as várias correntes políticas e seus representantes forjaram a identidade brasileira segundo os interesses do grupo social predominante. Um dos grandes perdedores desse conflito foi a preservação, a difusão e a memória da FEB como um todo, trazendo prejuízo para a formação da identidade cultural brasileira.

2.1.2 Escola, Educação e Cultura no Brasil

A escola é um local privilegiado para o aprendizado face aos meios de que dispõe, diferenciando-se dos meios de comunicação em massa pelo estímulo à leitura, pela compreensão das relações sociais e pela aplicação de um programa curricular elaborado. É um espaço vocacionado para a informação, difusão do passado e sua reflexão.

[...] Muito embora nem sempre estar explicitado nos currículos, a escola é uma instituição comprometida com a construção da identidade do aluno, uma vez que opera com valores e práticas cotidianas pautadas no fortalecimento do sentimento de pertencimento a um grupo e na afirmação da diferença desse grupo dos demais”⁴.

Analisar a expressão da FEB na memória social brasileira nos leva, obrigatoriamente, a dissertar sobre a qualidade da educação escolar oferecida em nosso País, pois ela é, na maioria das vezes, a principal fonte de informação a respeito do mundo e da sociedade.

Por muitas décadas, o Brasil lutou contra o fantasma do analfabetismo e do reduzido número de criança e jovens matriculados regularmente no ensino fundamental. A taxa de analfabetismo brasileira era uma das mais altas entre os países em desenvolvimento. Felizmente nos últimos anos este quadro sofreu uma virada brusca.

O Plano Nacional de Educação (PNE), sancionado pela Presidência da República em 2001, garantiu a estabilidade das políticas educacionais independentemente das alternâncias dos governos. Os resultados dessa política são

⁴ Disponível no site <<http://www.memória.e.educação.com.br>>. Acesso em 10 Mai 2005.

significativos. Hoje, cerca de 97% das crianças entre 7 e 14 anos estão matriculadas no ensino fundamental ⁵.

Iniciativas governamentais como o Programa Nacional do Bolsa Escola, criado em 2001, com a proposta de conceder um benefício financeiro mensal a milhares de famílias brasileiras, em troca da manutenção de suas crianças nas escolas, apresenta resultados altamente satisfatórios para o fim a que se destina. Sua missão:

[...] Promover a educação das crianças de famílias de baixa renda assegurando sua permanência na escola, por meio de incentivo financeiro, contribuindo para a melhoria das condições de vida no país. Estimular a criação de uma cultura escolar positiva entre as camadas sociais menos favorecidas e recuperar a dignidade e a auto-estima da população excluída, com a esperança de garantir um futuro melhor para seus filhos por meio da educação ⁶.

Verifica-se no enunciado do programa a **prioridade para a questão social**. Embora o “Bolsa Escola” tenha sido bem sucedido em seu objetivo principal, os resultados obtidos em termos quantitativos não se fizeram acompanhar da melhoria da qualidade do ensino oferecido.

Numa recente pesquisa da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) sobre educação, dentre 41 países o Brasil está no final da lista. A pesquisa mostra que os estudantes brasileiros, na faixa etária dos 15 anos, têm o penúltimo lugar no desempenho em matemática e ciências e o 37º em leitura. Na média das três áreas de conhecimento, o país fica em penúltimo lugar, na frente apenas do Peru. Cerca de 50% dos alunos brasileiros de 15 anos estão abaixo do nível 1 de alfabetização, numa escala criada pela UNESCO, que classifica os estudantes com dificuldades em utilizar os instrumentos da leitura para aumentar seus conhecimentos e competências em outros assuntos ⁷.

A contrapartida desse resultado em relação ao conhecimento sobre a história da FEB é inevitável. Mesmo assim, as pesquisas superam as expectativas mais pessimistas.

*[...] A decadência do ensino e a dura realidade social são argumentos bastante convincentes para justificar a ignorância sobre a FEB, mas uma pesquisa feita por amostra entre alunos da USP em 1990 revelava que **70% dos estudantes da universidade considerada como a melhor do País desconheciam o significado da sigla FEB** ⁸.*

⁵ ALMANAQUE ABRIL 2003. São Paulo: Abril. p.206

⁶ BRASIL. Lei N° 10.219, de 11 de abril de 2001. Programa Nacional do Bolsa Escola.

⁷ FOLHA ONLINE. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/educação. Acesso em 10 maio 2005.

⁸ CÉSAR, Francisco Alves Ferraz. **O BRASIL NA GUERRA: UM ESTUDO DE MEMÓRIA ESCOLAR**. Disponível em <http://www.ufop.br/ichs/perspectivas/anais/GT1402.htm.> Acesso em 15 Mai 2005.

A análise do panorama educacional brasileiro indica que a qualidade da educação oferecida, ainda que longe do ideal, não justifica a ignorância sobre a FEB, mesmo porque ela incide até mesmo nos estabelecimentos de ensino de reconhecida qualificação. Também viu-se que política governamental na área da educação possui como meta prioritária o aspecto social e a universalização do ensino no Brasil.

2.1.3 Memória Social

A memória social é definida por Peter Burke como a “*A história social do lembrar*” na pesquisa do “...*complexo processo de seleção e interpretação (...) pelos quais se registra e se recorda o passado*”. Congregando todas as formas de recordação, comemoração, alteração, esvaziamento, ou mesmo, esquecimento de determinados eventos do passado.

Dentre as inúmeras formas de manifestação da memória social da FEB estão as comemorações, as tradições orais, a literatura escolar, a literatura paradidática, a produção literária de historiadores, memorialistas, jornalistas ou dos próprios protagonistas, os filmes e vídeos produzidos, os museus e memoriais, as produções musicais e artísticas em geral, a tradição oral, as entidades representativas, o acervo fotográfico e, principalmente, a disseminação e reflexão da memória social no ambiente escolar.

2.1.4 Memória Escolar

A memória escolar compreende o conjunto de práticas e dispositivos de memória histórica que são desenvolvidos especificamente no ambiente escolar. Ela assume uma importância fundamental quando a memória social é investigada, não apenas para o estudo da FEB, mas também para toda pesquisa e para a recordação dos eventos históricos, caracterizando-se como o principal meio pelo qual as gerações de brasileiros tomam contato com o passado e as suas interpretações.

Encontrar material para pesquisa histórica sobre a Campanha da FEB no ambiente escolar é algo difícil, tanto nos manuais didáticos quanto na historiografia de extração universitária; sendo bem mais provável encontrá-lo em publicações autobiográficas empoeiradas nos “sebos”.

2.1.5 O Currículo Escolar e a Formação da Identidade

A História que se ensina na escola tem por base o previsto nos respectivos currículos escolares, que representam a vontade do Estado na educação. Através deles são definidos rumos, conteúdos, práticas e finalidades. Ali estão expressos os meios e os fins para formar o cidadão pretendido pelos grupos dominantes da sociedade.

[...] Os currículos são responsáveis, em grande parte, pela formação e pelo conceito de História de todos os cidadãos alfabetizados, estabelecendo, em cooperação com a mídia, a existência de um discurso histórico dominante, que formará a consciência e a memória coletiva da sociedade.

*[...] pode ser exercido tanto no sentido de manipular a memória, individual e coletiva, para produzir **esquecimentos ou falsas imagens**, quanto para garantir que certos fatos e personagens não sejam esquecidos. São estratégias através das quais as sociedades terminam por dar forma a uma História que pretendem que reproduza a imagem que têm delas próprias. Isso acontece das mais variadas formas, muitas vezes despercebidamente, nos mais diferentes lugares, mas principalmente na escola, através do controle direto do trabalho docente ou do controle e vigilância sobre os materiais a que este docente e seus alunos têm acesso. (PERES)⁹*

Saber como se processou a evolução e o direcionamento dos currículos escolares nos fornecerá uma idéia clara de como o Estado brasileiro incentivou, ao longo do tempo, o exercício da memória escolar da FEB.

Durante o século XIX, os intelectuais e cientistas sociais formularam duas principais tendências de análise: a **cientificista**, que no campo da história podemos denominar de positivista, e a **marxista**. A história de tendência positivista pode ser considerada como possuidora de uma visão conservadora da sociedade, tendendo a reproduzi-la e a mantê-la sem uma vontade modificadora. Já a história de tendência marxista alinha-se principalmente com os movimentos políticos e culturais que se concentraram entre o final do século XIX até meados do século XX, tendo até os dias de hoje uma grande repercussão, embora a sua aplicação prática tenha sido desastrosa¹⁰.

Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases de 1961, adequou-se o ensino de nível secundário à demanda por aprendizagens técnicas ligadas ao nacional-desenvolvimentismo, que exigia formação prática e profissional. A industrialização passou a ser considerada a resposta ao atraso forjado por uma sociedade agrária,

⁹ Citado por CARLOS, Luís L. **ARTEFATOS DE MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES NAS MÍDIAS**. Disponível em <<http://www.ufop.br/ichs/perspectivas/anais/GT1402.htm>>. Acesso em 20 abril 2005.

¹⁰ PAVANI, Olívia M. **OS ANNALES E AS SUAS INFLUÊNCIAS COM AS CIÊNCIAS SOCIAIS** Disponível em <<http://www.klepsidra.net/klepsidra16/annales.htm>>. Acesso em 12 fevereiro 2005.

havendo uma importante diminuição da carga horária para o ensino da História. A aprendizagem se fez, normalmente, pela repetida exposição oral, exercícios de fixação, questionário e prova, de maneira factual e cronológica.

Durante o regime militar essas características se mantiveram, com um forte controle dos conteúdos. A edição da lei 5692/71, que ajustou a Educação ao regime, trouxe profundas mudanças visando a ampliação da escolarização, coerente com a retomada da expansão econômica e da industrialização.

As disciplinas de História, Geografia, Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política do Brasil transformaram-se em Estudos Sociais.

Durante a década de 80, já sob um ambiente de redemocratização, viu-se o surgimento de movimentos de reorganização e reivindicação das instituições escolares e associações profissionais, dando origem a discussões e processos de luta por reformas curriculares no âmbito municipal e estadual em várias partes do País.

“Nesse cenário, de crítica aos modelos herdados, as novas tendências historiográficas também passaram a influenciar o ensino, trazendo para dentro da escola visões e procedimentos das vertentes marxistas ou da História Nova”¹¹.

Em meados da década de 90, o Ministério da Educação retomou a discussão sobre as propostas curriculares. Para tanto, reuniu profissionais da Educação, especialistas das diferentes áreas e ciclos a quem foi atribuída a responsabilidade de formular as bases curriculares para a educação brasileira.

O fruto desse trabalho resultou na elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais, publicados em 1997. Nesse documento, podemos encontrar explicitamente o pensamento vigente acerca do que deve ser a Educação no País, detalhando os conceitos norteadores da memória e da História, sobre os quais as escolas devem constituir as suas práticas.

Um olhar mais detido sobre os Parâmetros Curriculares nos permite compreender melhor o quadro onde pretendemos ancorar a proposta dessa monografia. Já na introdução do enunciado dos Parâmetros Curriculares da disciplina de História para o ensino fundamental, apresentam-se alguns conceitos importantes. Em primeiro lugar, a função da disciplina:

*[...] Considera-se, então, que o ensino de História envolve relações e **compromissos com o conhecimento histórico**, de caráter científico, com reflexões que se processam no nível pedagógico e com a*

¹¹ MEMÓRIA E EDUCAÇÃO. Disponível em <www.memoriaeducacao.hpg.ig.com.br/memedu.htm>. Acesso em 26 abril 2005.

*construção de uma identidade social pelo estudante, relacionada às complexidades inerentes à realidade com que convive*¹².

Aí está presente a dicotomia entre as diretrizes para o ensino da História do Brasil e a memória da FEB. Muito embora o conceito norteador da disciplina **envolva o compromisso com o conhecimento histórico e a construção da identidade social do estudante**, o mesmo não é aplicado no ensino prático da História. Os atuais parâmetros não fazem qualquer tipo de menção à FEB. Já para outros temas, com maior teor “social”, a ênfase é diametralmente oposta.

Como exemplo, temos a promulgação da Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003, do MEC, “...que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘**História e Cultura Afro-Brasileira**’, determinando: “...Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira”. Estabelecendo para o currículo “...o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil”¹³.

Uma outra tendência curricular, ainda tímida nos anos 70, ganhou muita força nas décadas seguintes, com a abertura política, o fim do regime militar e, principalmente, com a ascensão de novas gerações de autores de manuais didáticos e coordenadores de revisões curriculares de tendências políticas à esquerda, incluindo nos espaços deixados pela saída da “História das Batalhas” os assuntos de seus interesses. “...Temas como movimentos sociais de classes subalternas e conflitos que traduzissem politicamente a contradição entre capital e trabalho ganharam projeção”¹⁴.

Não menos importante que a ascensão às instâncias de decisão curricular de uma nova geração de professores e historiadores, foi a profissionalização crescente das editoras que produziam (e produzem) livros didáticos e paradidáticos, e sua atenção à demanda do mercado consumidor dessas obras.

[...] se os professores querem livros mais “críticos”, dinâmicos, criativos, que fujam das abordagens “tradicionais”, que estejam atualizados com as novidades historiográficas, então as editoras farão tudo para satisfazer essas aspirações e, assim, conquistar os professores (que determinam

¹² CARLOS, Luís Lopes. **ARTEFATOS DE MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES NAS MÍDIAS**.

Disponível em <<http://www.ufop.br/ichs/perspectivas/anais/GT1402.htm>>. Acesso em 20 abril 2005.

¹³ GOVERNO FEDERAL. Ministério da Educação. Lei 10.639 de 09 Jan 2003. *LDB*

¹⁴ CÉSAR, Francisco Alves Ferraz. **O BRASIL NA GUERRA: UM ESTUDO DE MEMÓRIA ESCOLAR**. Disponível em <<http://www.ufop.br/ichs/perspectivas/anais/GT1402.htm>>. Acesso em 15 Mai 2005.

quais são os títulos adotados pelos alunos). É a lógica de mercado, não da ideologia ¹⁵.

A escolha de temas para os chamados paradidáticos seguiu a mesma lógica. Os temas considerados “ultrapassados” ou desinteressantes passaram a ter menor espaço. Caso típico da FEB, dada a ausência completa de paradidáticos sobre o Brasil na Guerra e a substancial diminuição do espaço destinado a esse tema nos manuais didáticos.

2.2 Componentes da Memória Social

2.2.1 A Presença da FEB na Literatura Didática

A primeira referência sobre a FEB na literatura didática ocorreu em 1946, na edição de **História do Brasil para o Quarto Ano Ginasial**, de Joaquim Silva.

[...] Inicialmente em livros que oscilavam entre 150 e 200 páginas, com muito texto e poucos mapas e ilustrações, os tópicos sobre a FEB tomavam duas ou, às vezes três páginas, além das sessões de extra-classe, compostas por redações sempre com uma ou duas questões relativas à participação na guerra e às ações da FEB ¹⁶.

Analisando a temática FEB de forma quantitativa viu-se uma gradual diminuição de conteúdo desde o ano de 1946. Inicialmente os tópicos relativos ao Brasil na Guerra tomavam de duas a três páginas, com ênfase às conexões entre a FEB e as relações entre o Brasil e os Estados Unidos. As atividades extra-classe, entrevistas e encenações às vezes abordavam a participação brasileira na guerra. 60 anos depois a importância dada ao tema decresceu radicalmente, podendo ser medida em parágrafos ou mesmo em linhas.

Essa redução relativa dos eventos históricos é natural, não só com relação aos eventos da FEB, como também aos demais eventos históricos. Pois com o passar dos anos a inserção de novos fatos históricos gera uma interpretação mais crítica e aprofundada, embora a distância no tempo, isoladamente, não justifique a diminuição do destaque a determinados assuntos. Fosse assim, o descobrimento e a independência brasileiras teriam um espaço ínfimo nos livros.

¹⁵ CÉSAR, Francisco Alves Ferraz. **O BRASIL NA GUERRA: UM ESTUDO DE MEMÓRIA ESCOLAR**. Disponível em <<http://www.ufop.br/ichs/perspectivas/anais/>> Acesso em 15 Mai 2005.

¹⁶ Ibidem.



Quadro 1 - Livros didáticos das décadas de 60 e 70

O tratamento dado à FEB nos livros de história é atípico e nem sempre ligado a um direcionamento político, visto que, durante o regime militar (1964-1985) houve uma redução ainda maior no seu espaço. (Quadro1)

“...Uma redução ainda maior se comparada a outros eventos de natureza militar como Guararapes, a Guerra do Paraguai, Canudos e o Contestado e de natureza social (quilombos, revoltas escravas, movimentos e contestação social contemporâneos, conflitos entre o capital e o trabalho)”¹⁷.

O final dos anos 70 e início dos 80 foi marcado pela virada crítica do ensino de História no Brasil. Os eventos até então valorizados pelo seu caráter militar e educador foram progressivamente substituídos pelos movimentos sociais protagonizados pela classes populares.

[...] Um bom exemplo é a presença da Guerra do Paraguai nos manuais dos anos 40-60, onde o conflito recebia grande destaque no tópico referente ao período Imperial. Com sua tradicional abordagem da batalhas, das manobras das tropas, as vitórias aliadas, o valor dos generais, Caxias em especial. Tudo ilustrado com gravuras das batalhas e das principais lideranças de guerra¹⁸.

.A “História das Batalhas” não tinha lugar na chamada “História Crítica”. Subitamente o conteúdo “militar” foi desaparecendo. Em vários manuais dos anos 70 o assunto “Guerra do Paraguai” caiu pela metade.

Nos anos 80 o tema “Guerra do Paraguai” foi retomado com destaque, mas sob um novo prisma: o da denúncia e da vitimização paraguaia frente ao malvado “Imperialismo inglês”, “manipulador das elites e da monarquia brasileira”. Teoria

¹⁷ CÉSAR, Francisco Alves Ferraz. **O BRASIL NA GUERRA: UM ESTUDO DE MEMÓRIA ESCOLAR**. Disponível em <<http://www.ufop.br/ichs/perspectivas/anais/GT1402.htm>> Acesso em 15 Mai 2005.

¹⁸ Ibidem.

conspiratória defendida nas obras de Júlio Chiavenato e León Palmer, numa versão do conflito parcial e desprovida do imprescindível embasamento histórico.



Na década de 80 a Campanha da FEB continuou como a “História das Batalhas”, listando os principais combates e mais nada, sem papel de destaque ou polêmicas. (Quadro 2)

[...] Duas tendências marcaram a década: uma evitou ao máximo apresentar a história dos conflitos protagonizados por nossas Força Armadas contra inimigos de outras nações (holandeses, argentinos, uruguaios, paraguaios, alemães), valorizando cada vez mais os conflitos em que as Forças Armadas regulares agiram contra movimentos sociais internos. [...] Isto deve-se ao fato deste tipo de história militar ter sido bastante execrado pela turma de historiadores e professores formados numa linha historiográfica que oscilava entre a escola dos Annales e a doutrina marxista.

[...] O componente político também atuava decisivamente, rejeitando estes eventos militares para evitar a glorificação dos governantes militares. Não por acaso que o revisionismo historiográfico tenha investido nas tradições e mitos mais caros ao Exército Brasileiro, ao mirar em seus heróis-patronos¹⁹.

Na atualidade os exemplos acima repetem-se sob diferentes formas: o bicentenário do nascimento de um dos maior vultos da História do Brasil, Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, foi “comemorado” com o lançamento dos **Cadernos**

¹⁹ CÉSAR, Francisco Alves Ferraz. **O BRASIL NA GUERRA: UM ESTUDO DE MEMÓRIA ESCOLAR**. Disponível em <<http://www.ufop.br/ichs/perspectivas/anais/GT1402.htm>> Acesso em 15 Mai 2005.

da TV Escola. (2003) (Fig 1) Obra aprovada pelo Ministério da Educação, onde a Guerra do Paraguai é descrita sem uma única citação ao nome do Patrono do Exército.

O silêncio, atitude preponderante no processo de “esquecimento” da memória social, nem sempre é a ação mais danosa. No livro didático **História e Vida** (2005) (Fig 2) de Nelson Piletti e Claudino Piletti, para a 7ª série, incluso na proposta curricular do Estado de Minas Gerais e inscrito no Programa Nacional do Livro Didático “...dá destaque ao “presidente” Solano López, dedicando-lhe uma foto que ocupa o espaço de um quarto de página.(p. 32) Até a sua amante, a irlandesa Elisa Lyncha é lembrada...”²⁰.

A frase do Duque de Caxias “*Sigam-me os que forem brasileiros*” não é citada, mas “*muero com mi pátria*” recebe uma atenção especial. (p. 37) Sobre Caxias e sua participação na pacificação da *Balaiada* (Fig 3) o livro fala o seguinte:

[...] A Balaiada, uma das mais vigorosas revoltas populares da História do Brasil, chegava ao fim. Fora esmagada pela botas, pelos fuzis e pelos sabres das forças oficiais para garantir os privilégios (as terras, os escravos e o poder) das elites do Maranhão. (...) O comandante do massacre que inundou as ruas com o sangue de homens brancos pobres, dos mestiços e dos negros que buscavam a liberdade, Luís Alves de Lima e Silva, foi regimento recompensado pelo governo. Por esse ato de bravura”, recebeu o título de Barão, e depois, Duque de Caxias, posteriormente tornou-se o patrono do Exército Brasileiro. (p. 49).

[...] Os sertanejos, os artesãos, os negros fugidos- o povo pobre do sertão, enfim – foram massacrados pelo Exército, simplesmente porque queriam uma vida melhor. A preocupação do governo era quanto ao fato das classes oprimidas estarem participando ativamente do processo político, com armas na mão.(p.51)

A foto do Duque de Caxias aparece com a seguinte legenda: “O oficial do Exército Luís Alves de Lima e Silva (Duque de Caxias) comandou, em 1841, o massacre dos balaios “. (Fig 4)

A Campanha da FEB foi poupada no contexto da literatura didática pelos motivos já citados. Até porque o seu conteúdo já estava por demais reduzido para uma eventual reinterpretação. Uma situação que vem se agravando cada vez mais.

Numa das publicações de maior destaque e fonte de consulta escolar, **O Almanaque Abril**, edição 2003, nas 498 páginas do volume destinado ao Brasil, informa laconicamente que o Brasil enviou uma Força Expedicionária durante a Segunda Guerra Mundial (p. 438). Tudo em três linhas....

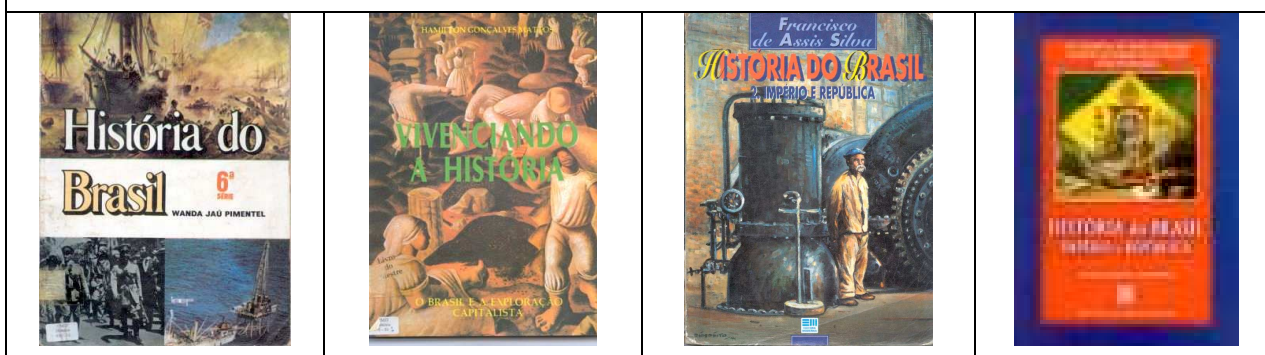
Uma saudável exceção a regra é o livro **História do Brasil – Império e República**, de Aldo Demerval Rio Branco Fernandes; Neide Amaruama e Wilma Ramos de Pinho Barreto. Editado pela Biblioteca do Exército, descreve a trajetória do Brasil na

Guerra em 11 páginas, ricamente ilustradas com fotos, mapas e manchetes de jornais da época.

Face ao acima exposto podemos concluir, parcialmente, que a presença da FEB nos livros didáticos decresceu progressivamente devido a um conjunto de fatores, com destaque à mudança do eixo interpretativo da História e, principalmente à uma visão marxista que procurou omitir e transfigurar a atuação do Exército ao longo de sua trajetória.



Quadro 3 - Livros didáticos da década de 90



Quadro 4 - Livros didáticos da década de 90 até os dias atuais



Figura 1

Figura 2

Figura 3

Figura 4

2.2.2 Memória Musical e Poética

A contribuição de poetas e músicos sempre foi um instrumento valioso na eternização de momentos especiais da história na memória do povo, ainda mais quando nos localizamos num passado no qual a televisão era ainda um projeto de pesquisa. Nos

²⁰ Jornal do Grupo Inconfidência. *A Marxização da Educação*, Nº 43,p.17, 30 Nov 2001.

anos 40 o rádio era o principal difusor da informação, destacando-se como um importante coadjuvante na construção da memória nos diversos segmentos da sociedade.

Muitos foram os artistas que homenagearam a FEB em prosa e verso: Christiano Martins com o poema **Monte Castelo** (1945); Orlando Cavalcanti com a **Oração de Natal de um Órfão de Guerra**; e Djalma Andrade com a poesia **Brasil**, entre outros²¹.

Na música, a **Canção do Expedicionário**, (1944) com letra de Guilherme de Almeida e música de Spartaco Rossi, continua sendo a expressão maior da FEB. Fez um grande sucesso na voz do inesquecível Francisco Alves na década de 40. Desconhecida por grande parte dos brasileiros essa canção permanece viva e reverenciada nas Forças Armadas, em especial no repertório das bandas de música militares.

Outras canções brasileiras foram muito populares durante a guerra e nos anos seguintes. Explica-se: naquela época, um sucesso musical não possuía a duração efêmera de algumas semanas, como hoje em dia. Os meios de difusão e a própria estrutura comercial e de propaganda ainda engatinhavam. Um grande sucesso nas rádios podia muito bem ser reproduzido por anos a fio.

Pode-se destacar o **Canto do Ex-combatente Mineiro**, de Nilo Aparecido Pinto e **O Hino Brasileiro**, de Nicola Palnaga, uma homenagem do povo italiano aos soldados brasileiros.

Algumas canções italianas, por força da guerra, também fizeram parte dos sucessos da época, sendo ligados de uma forma ou outra à FEB. **Firenze Sogna**, de Cesare Cesarini; **Torna a Surriento**, de B. Cherubini e C. Bixio; **Soli Soli Nella Noite** de C. Bixio; **La Strada del Bosco de Nisa** de Bixio – Rusconi; **Santa Lucia Luntana** de E. A Mario – Napoli, e a famosa **Lili Marlene**, originalmente alemã, tornou-se a canção não oficial do combatente europeu, sendo popular não só entre os alemães, mas também entre os americanos, ingleses, italianos e brasileiros, com versões em cada idioma. No Exército Brasileiro, sua melodia foi adotada pela Arma de Artilharia com uma nova letra, sendo conhecida desde então como a **Canção da Artilharia Expedicionária**.

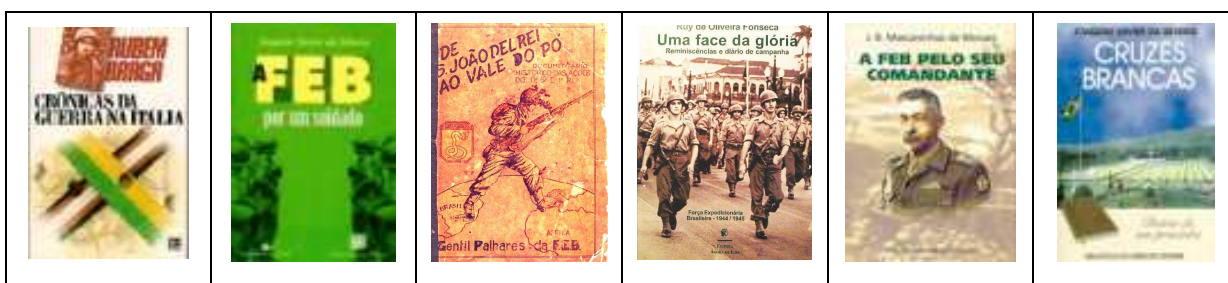
Das canções populares da época uma fez grande sucesso e costuma ser apresentada por diferentes intérpretes: a música **Mia Gioconda**, originalmente interpretada por Vicente Celestino, foi regravada recentemente, por Agnaldo Raiol e pela dupla sertaneja Christian e Rauf para a trilha sonora de uma novela de época.

²¹ SILVEIRA, Júlio. **35 ANOS DA FEB**. Coletânea da Associação Nacional dos Veteranos da FEB – Regional Belo Horizonte. Maio 1980.

2.2.3 Memória Literária

A memória literária é um poderoso instrumento de preservação da cultura e das tradições de um povo. Logo após o retorno da FEB, muitos foram os autores civis e militares que colocaram as suas impressões pessoais na literatura brasileira. Alguns contaram suas experiências como oficiais ou praças no conflito. (Quadro 5) Outros, anos depois, fruto de estudos e pesquisas. (Quadro 6)

Houve um nítido o contraste entre a copiosa produção memorialística editada no após guerra, contando as vivências pessoais de comandantes e soldados, e os poucos trabalhos realizados pelos historiadores profissionais.



Quadro 5 – Literatura autobiográfica



Quadro 6 – Produção literária

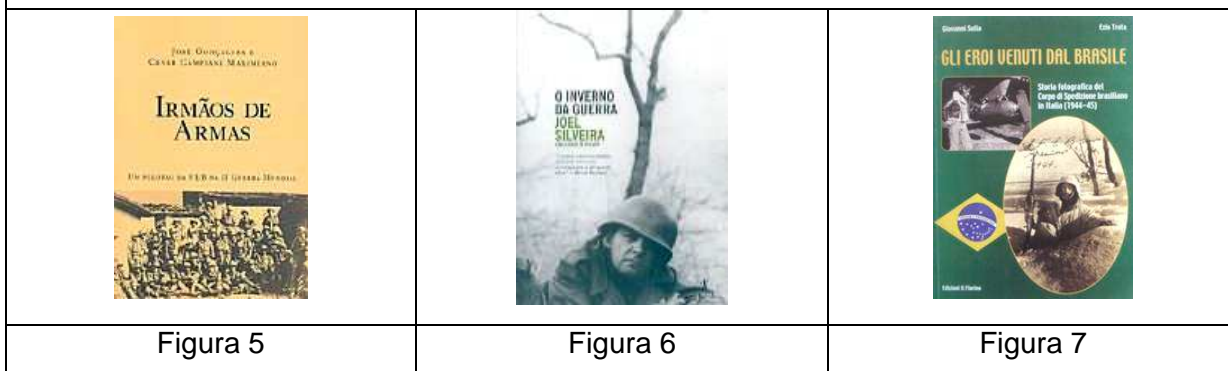


Figura 5

Figura 6

Figura 7

Na década de 80 foram publicadas algumas obras que enfocavam negativamente a Campanha da FEB, procurando colocar em dúvida o real valor dos pracinhas e dos seus comandantes, como no livro **As Duas Faces da Glória** (1985), de William Waack.

No ano em que se comemora os sessenta anos da campanha dos pracinhas tivemos, até o momento, apenas três lançamentos editoriais sobre a FEB: um do historiador César Campiani Maximiano, **Irmãos de Armas** (Fig 5); outro do escritor e veterano Joel Silveira, **O Inverno da Guerra** (Fig 6), e o último **de origem italiana**, o livro **Gli Eroi Venuti Dal Brasile**, (Os heróis vindos do Brasil) (Fig 7), de autoria do Sr Giovanni Sulla e do Professor Ezio Trota. Uma rica compilação de fotografias históricas, constituindo-se em mais uma valiosa contribuição italiana no intuito de se preservar a gloriosa memória da FEB ²².

2.2.4 Memória Jornalística

Durante a guerra os jornais da época deram amplo destaque à epopéia da FEB, (Fig 8 e 9). É natural que o espaço jornalístico venha sendo progressivamente diminuído com o passar do tempo. Entretanto, é de se espantar que nas datas singulares, como no Dia da Vitória, a mídia tenha simplesmente ignorado a lembrança da FEB, enquanto destacava os encontros dos principais líderes mundiais nas homenagens a seus soldados. Talvez porque esse exemplo de apreço das lideranças políticas não tenha se repetido no Brasil. Para fins de comparação, na Itália em 2005, o comportamento jornalístico foi bem diferente. (Fig 10 e 11)

Dentre os profissionais que ajudaram a perpetuar as ações da FEB destacam-se os seguintes jornalistas:



Joel Silveira - Foi repórter de grandes jornais do País, como os do grupo *Diários Associados* e o *Última Hora*. Sua prosa jornalística, com um pé na literatura, também o coloca como um dos precursores do que se chamou de "novo jornalismo". É

²² **INFORMATIVO** da Aditância do Exército na Itália. Site oficial do Exército Brasileiro – Disponível em <www.exercito.gov.br> em 08 Jun 2005.

o autor dos livros **A luta dos Pracinhas** (Rio de Janeiro/RJ: Record, 1983) e **O Inverno da Guerra** (Rio de Janeiro/RJ: Objetiva, 2005).

Carlos Scliar - Pintor, gravador, desenhista, ilustrador, cenógrafo e roteirista, integrou a FEB como cabo artilheiro, sendo autor de várias ilustrações do cotidiano da guerra.

Rubem Braga - É considerado por muitos o maior cronista brasileiro desde Machado de Assis. Escreveu os livros **Com a FEB na Itália**; **O Brasil na 2ª Guerra Mundial** e **Crônicas da Guerra na Itália**. Correspondente de guerra do *Diário Carioca* na Itália, acompanhou pessoalmente as ações da FEB, indo, inclusive, à linha de frente.

2.2.5 MONUMENTOS, MUSEUS E MEMORIAIS

É relativamente expressiva a presença de monumentos e memoriais da FEB espalhados por todo o território nacional. Calcula-se existirem mais de duzentos monumentos. O General João Batista de Mattos arrolou, em sua pesquisa para o volume - **Os Monumentos Nacionais – A Força Expedicionária no Bronze**, 105 monumentos: *panteons*, arcos do triunfo, hermas, placas, marcos, estátuas e obeliscos. Obras feitas de bronze, mármore, granito ou concreto, concebidos de forma artística ou mesmo de aparência grotesca, com dizeres ingênuos, pretensiosos ou expressivos. Grande parte localizados nos Estados de São Paulo e Minas Gerais. O principal deles é o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, no Rio de Janeiro. Lá repousam os restos mortais dos pracinhas tombados em combate.

São geralmente preservados por regionais da Associação Nacional dos Ex-combatentes e da Associação Nacional dos Veteranos da FEB.(Quadro 7)



Os museus da FEB estão localizados nas sedes das regionais da ANVFEB do RJ e Belo Horizonte; no museu Capitão Pitaluga (1º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado Esquadrão Tenente Amaro - Valença – RJ); no 11º BI Mth - Regimento Tiradentes, São João del Rei – MG; e no Museu do Expedicionário em Curitiba – PR.

2.2.6 MEMÓRIA AUDIOVISUAL

As produções audiovisuais que abordam a FEB como tema principal são em número irrisório. A primeira produção audiovisual encontrada em pesquisa remonta a uma película da extinta Atlântida. Nada que lembrasse uma produção com roteiro elaborado, atores famosos, ou um grande investimento financeiro.

Desde então formou-se um vácuo de **quase 50 anos** sem a realização de uma única produção audiovisual. Até que em 1987 o cineasta Sylvio Back lançou o filme **Rádio Auriverde** (Fig 12), retratando o seu ponto de vista fortemente anti-americano e detrator da memória da FEB. A respeito desse filme surgiram muitas vozes de historiadores civis e militares rebatendo seu conteúdo tendencioso. “**Nada mais mentiroso**” (crítica sobre o documentário Rádio Auriverde, publicado na *Revista Nossa História*, Ano 2, Nº 15, p.24, janeiro de 2005).

Essa foi a linha cinematográfica dominante nos anos 80, confirmada pelo mesmo cineasta ao dirigir o filme **Guerra do Brasil** (1987). A obra apresenta uma abordagem coerente com a versão “imperialista da guerra”, procurando macular a ação dos militares brasileiros na Campanha do Paraguai.

Foi necessário o ressurgimento do gênero documentário no mundo do cinema e do vídeo, **52 anos** após a volta dos pracinhas, para que uma nova geração de cineastas retratasse, com isenção de valores, as histórias de nossos soldados, com as obras: **Tempo de Coragem**, SENAC (1997) (Fig 13); **A Cobra Fumou**, de Vinícius Reis (2002) (Fig 14); e **Senta a Pua !** (2001) (Fig15), de Erik de Castro. Esta última, tendo o 1º Grupo de Aviação de Caça da Força Aérea Brasileira como tema principal, sendo a primeira produção a retratar a saga dos nossos aviadores. Mesmo assim, o próprio diretor confessou que, em conversa com cineastas do seu círculo de amizade, foi interpelado sobre o motivo de produzir um documentário sobre “essa gente”.



Figura 12

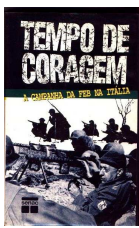


Figura 13



Figura 14



Figura 15

2.2.7 MEMÓRIA FOTOGRÁFICA

Precioso instrumento para a captação e divulgação da História através dos tempos, sem distorções ou interpretações individuais, a memória fotográfica da FEB pode ser vista no Arquivo Histórico do Exército, no acervo de diversos museus e memoriais, na Fundação Getúlio Vargas e no Arquivo Nacional. Destaca-se o trabalho desenvolvido pela Major Elza Cansação, ex-integrante do Corpo de Enfermeiras da FEB e abnegada guardiã da memória fotográfica febiana.

2.2.8 ENTIDADES

A Associação Nacional de Veteranos da FEB (ANVFEB) foi criada com o objetivo de congregar os febianos e perpetuar sua memória. Inicialmente em número expressivo, as sedes regionais da ANVFEB vem desaparecendo ano a ano.

O *site* da ANVFEB²³ lista cerca de 50 regionais espalhadas por todo o País. Na região sudeste constam regionais nas cidades do Rio de Janeiro (sede); Barra Mansa; Macaé; Petrópolis; Resende; Belo Horizonte; Juiz de Fora; Divinópolis; São João del Rei; Caçapava; Jundiaí; Ribeirão Preto; São Bernardo do Campo; Campinas; São Paulo; e São Vicente.

Todas as regionais na região sudeste foram contatadas durante a fase de coleta de subsídios para o trabalho monográfico. Infelizmente, verificou-se que muitas não existem mais por absoluta falta de recursos humanos e financeiros. Algumas, com sorte, estão doando os seus acervos a Tiros de Guerra (Barra Mansa); organizações militares diversas; e Associações de sargentos, cabos e soldados (Juiz de Fora).

2.2.9 TRADIÇÃO ORAL

A tradição oral é representada pelos remanescentes da FEB, hoje, bem poucos, muitos já sem condições de transmitirem suas experiências face à avançada idade.

Cabe ressaltar o trabalho procedido pelo Exército Brasileiro ao resgatar a tradição oral da FEB, editando a coleção **História Oral da Força Expedicionária Brasileira**, com base na gravação de dezenas de depoimentos pessoais dos pracinhas.

²³ Disponível no *site* <http://raulgraciani.sites.uol.com.br/>. Acesso em 01 junho 2005.

2.2.10 MEMÓRIA POLÍTICA

Entenda-se por memória política as manifestações e ações efetivas dos integrantes dos poderes executivo, legislativo e judiciário nas esferas municipais, estaduais e federal.

A FEB era a tropa com o melhor adestramento e equipamento da América Latina, com cerca de um terço do efetivo total do Exército Brasileiro à época. Representava uma ameaça tanto ao regime do Estado Novo quanto às forças que articulavam a deposição de Getúlio Vargas, sendo, por isso, imediatamente desmobilizada no regresso. O grosso da tropa recebeu a documentação de dispensa ainda na Itália, tal era o receio do envolvimento da FEB no então conturbado cenário político nacional. Vários partidos tentaram cooptar seus integrantes, com promessas de indenizações e outras vantagens, o que veio a politizar a cúpula das Associações de Ex-combatentes, em especial durante a Guerra Fria, prejudicando o seu conceito diante do governo e da opinião pública.

A memória política é a componente da memória social que melhor poderia auxiliar no resgate, na preservação da memória da FEB e na elaboração de projetos de apoio à reinserção dos veteranos na sociedade e no mercado de trabalho.

Hoje a memória política faz-se notar pouco além dos discursos em datas comemorativas do conflito. Isso quando não se omite no seu papel de preservadora da memória.

No dia 16 de julho de 1976, na Rua das Marrecas, 35 - Lapa, a Casa da FEB, sede da ANVFEB, foi inaugurada com grande solenidade pelo Presidente Ernesto Geisel e as mais altas autoridades do País, presentes à cerimônia ²⁴. Passados 60 anos da Guerra, os pracinhas da Força Expedicionária Brasileira, responsáveis pelo museu, enfrentam uma ameaça de despejo por falta de pagamento de aluguel.

Pracinhas pedem ajuda para museu

[...] A Associação Nacional dos Veteranos da FEB, que mantém o museu, não paga a taxa de de ocupação do edifício do Rioprevidência (empresa pertencente ao Estado do Rio de Janeiro), que passou a ser cobrada no valor de R\$ 1.800. Até 2001, a entidade pagava uma taxa simbólica de R\$ 80, já que o terreno do museu, construído durante o governo de Carlos Lacerda, foi cedido em regime de comodato. No dia 23 de abril daquele ano, a Associação recebeu do Estado uma notificação, exigindo que o prédio fosse deixado num prazo de 30 dias.. O museu vive da contribuição de alguns integrantes da Associação dos Veteranos. O mais novo integrante está com 78 anos ²⁵.

²⁴ Disponível no site <<http://raulgraciani.sites.uol.com.br/>> em 14 abril de 2005.

²⁵ MAGALHÃES, Fernando. <http://jbonline.terra.com.br/> em 13 junho 2005.

É importante ressaltar a atuação da memória política na promulgação de leis de amparo aos ex-combatentes. Muitas, porém, chegaram de forma tardia, deixando de contemplar muitos de seus integrantes por desconhecimento das leis, ou mesmo por já estarem mortos.

A formulação de políticas educacionais de valorização curricular da memória da FEB representa a melhor contribuição que o poder político pode fornecer.

O Exército Brasileiro vem atuando de forma consistente na preservação da memória nacional, em especial no que tange ao legado da FEB. Lançando mão de uma política cultural incisiva, através da Diretoria de Assuntos Culturais, onde se destaca a promoção de um concurso literário de âmbito nacional e a parceria com a Fundação Cultural Exército Brasileiro (FUNCEB), em vários programas que incluem: a revitalização do Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial; o apoio às atividades da BIBLIEX; a reestruturação do Arquivo Histórico do Exército; e o apoio à manutenção e à criação de museus e exposições em organizações militares.

2.2.11 RITUAIS E COMEMORAÇÕES

[...] Em 1945, emocionante mesmo, foi a chegada da FEB da Itália. O Rio tinha menos de 2 milhões de habitantes, os cálculos davam 800 mil pessoas no Centro da cidade. Não havia televisão, e ninguém podia andar na Cinelândia, Avenida Rio Branco, ou nas ruas por perto. De cada 2 habitantes, 1 foi homenagear os "pracinhas" que combateram o nazi-fascismo. Consagração. (Helio Fernandes - Tribuna da Imprensa - 15/06/2004)

Os rituais e comemorações representam o componente mais popular da memória social da FEB, pois, em geral, é expressiva a presença de público nessas atividades.

Salvo raras e honrosas exceções, não fosse a merecida e perene lembrança de nossas Forças Armadas e das Associações de Veteranos, esse componente da memória social estaria órfão.

As principais comemorações onde a memória da FEB é revivida são realizadas nas datas de maior expressão: a Tomada de Monte Castelo (21 Fev); a Tomada de Montese (14 Abr); o Dia da Vitória (8 Mai); e o 7 de Setembro. Excetuando-se a última, as demais ocorrem quase que exclusivamente no interior dos quartéis. (Fig 16) A principal delas ocorre no Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial.(Fig 17) Uma cerimônia que há muito já deixou de contar com a presença das autoridades do 1º escalão do Poder Público.



Figura 16



Figura 17



Figura 18



Figura 19

No exterior, os visitantes ilustres são conduzidos pessoalmente pelos Presidentes e Chefes de Estado aos locais considerados de maior importância, beleza ou simbolismo histórico. No Dia da Vitória, prestam-se homenagens solenes que incluem a colocação de uma corbelha de flores junto ao túmulo do soldado desconhecido, num irrefutável sinal de apreço e respeito. No Brasil é diferente.

[...] Tome-se o caso das visitas de Chefes de Estado estrangeiros. Em outros países, o visitante é levado aos palácios, à ópera, ao monumento ao soldado desconhecido. No Brasil, é levado à favela”²⁶.

Contrastando com o desprezo oficial brasileiro, foram realizadas na Itália, em maio de 2005, inúmeras homenagens ao soldado brasileiro, em diversas cidades italianas libertadas pela FEB, Tudo com a presença das autoridades municipais e de vários pracinhas brasileiros convidados. (Fig 18 e 19)

*[...] Hoje, algumas semanas após o encerramento das comemorações, temos a satisfação de constatar que o ponto alto das mesmas foi a grande participação popular em Stafoli, Porretta Terme, Pistóia, Montese, Gaggio Montano, Vergato, Collecchio e Fornovo di Taro, **numa evidente demonstração do respeito e sentimento de gratidão ainda presentes nas comunidades por onde a Força Expedicionária Brasileira passou há mais de sessenta anos**²⁷.*

²⁶ POMPEU, Roberto Toledo, Ensaio, *Revista Veja*, edição Nº 1887, 12 Jan 2005.

²⁷ INFORMATIVO da Aditância do Exército na Itália. Site oficial do Exército Brasileiro –<www.exercito.gov.br>. Extraído em em 08 Jun 2005.

3. CONCLUSÃO

A memória social de um evento grandioso como a participação da FEB na II Guerra Mundial possui uma ampla dimensão no tempo e no espaço, permitindo, pela complexidade do tema, o exame de apenas uma modesta parcela do seu conteúdo. Situação agravada pela natural limitação do número de páginas do concurso literário.

Face ao exposto no desenvolvimento do tema pode-se chegar a algumas conclusões:

Existem diversas forças que atuaram no progressivo “esquecimento” da Campanha da FEB na memória social do brasileiro. A evolução do panorama educacional brasileiro não permitiu que a escola difundisse com qualidade e isenção a memória da FEB. Isso de uma forma geral, já que, mesmo em instituições de nível superior, com elevado padrão de ensino, a menção da sigla FEB nada representa para a maior parte dos seus alunos.

Não se pode, portanto, atribuir o desconhecimento da memória da FEB unicamente à baixa qualidade do ensino nacional. Outros fatores precisam ser considerados.

No estudo dos currículos escolares, viu-se o atrelamento da escola aos programas curriculares existentes. Durante a segunda metade do século XX, a disputa entre as linhas de pensamento positivista e marxista trouxe para o ambiente escolar profundas ingerências que acabaram distorcendo alguns eventos da História do Brasil.

As reformas curriculares promovidas pelo Estado, nos anos oitenta, mudaram radicalmente o modo como a História era vista e transmitida na escola. Buscou-se uma abordagem baseada nos axiomas marxistas e da escola dos Annales sobre os acontecimentos históricos. Nessa abordagem o Exército passa a ser apresentado como opressor do povo. Suprimiu-se a maior parte das ações militares contra agressores estrangeiros, entre eles as ações da FEB, enfatizando-se as ações contra movimentos sociais internos, numa clara rejeição a História Militar e a seus protagonistas.

Outro componente adverso aproveitou-se do fim do regime militar e da abertura política. Seus protagonistas foram promovidos às instâncias superiores nos

diversos níveis da estrutura educacional e editorial, fazendo uso do espaço surgido com supressão do conteúdo da “História das Batalhas”, inserindo em seu lugar novos conteúdos curriculares de viés esquerdista. O resultado foi o estímulo ao surgimento de uma nova geração de manuais didáticos que enfatizou o conflito entre o capital e o trabalho.

Na atualidade ocorre uma contradição entre as ações norteadoras dos Parâmetros Curriculares Nacionais – base para a elaboração dos programas curriculares em todos os níveis – e sua aplicabilidade quando o assunto é a FEB. Pois se tais parâmetros impõem o “*envolvimento e o compromisso com o conhecimento histórico e a construção da identidade social do estudante*”²⁸, de forma alguma a jornada da FEB poderia estar sendo apresentada de forma inexpressiva nos currículos escolares.

O “esquecimento” da memória da FEB na literatura didática é o resultado prático da aplicação dos programas curriculares. Inicialmente generosa nos livros escolares, a abordagem da FEB caiu consideravelmente ao longo do tempo, passando hoje, quando muito, a tópico, geralmente ligado ao fim do regime do Estado-Novo.

Na literatura tradicional a memória da FEB foi representada com ímpeto no pós-guerra, com uma série de publicações autobiográficas, muitas reeditadas periodicamente pelo Exército Brasileiro através da BIBLIEX. Durante a onda revisionista ocorrida nos anos oitenta, algumas obras procuraram focar a FEB sob uma ótica depreciativa, tentando colocar em dúvida o real valor das vitórias, a conduta dos pracinhas e dos seus comandantes.

A memória audiovisual sobre a FEB, quase inexistente, recebeu no final dos anos 90 um novo impulso com a produção de documentários de conteúdo idôneo.

A componente política da memória social da FEB vem deixando muito a desejar, embora tenha garantido muitos direitos aos pracinhas — alguns de forma tardia, diga-se de passagem — hoje ela ignora seu legado. Falta, por exemplo, um direcionamento das políticas educacionais para a elaboração de propostas curriculares de valorização da FEB. A ausência do 1º escalão do Poder Público nas comemorações da FEB, em particular no Dia da Vitória, no Monumento Nacional aos Mortos da II Guerra Mundial, demonstra bem seu baixo grau de comprometimento.

Pode-se concluir que a componente jornalística pouco colabora com a memória social da FEB, deixando de citá-la até mesmo nas datas mais expressivas, como no seu aniversário de 60 anos.

²⁸ GOVERNO FEDERAL. Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional. 20 Dez 1996.

Os monumentos, museus e memoriais em homenagem à FEB estão presentes em número expressivo, simbolizando a componente mais visível da memória social.

Ressalta-se a ação do Exército Brasileiro na manutenção dos arquivos fotográficos, museus e memoriais e, principalmente, na permanente lembrança dos pracinhas em formaturas alusivas às datas magnas da jornada da Itália, fruto de uma bem estruturada diretriz cultural.

Já as componentes da tradição oral e das entidades regionais da Associação Nacional de Veteranos da FEB estão definindo, face ao progressivo desaparecimento dos seus integrantes e a falta de apoio e recursos que permitiriam a manutenção das entidades.

Finalmente, conclui-se que a memória social da FEB não está sendo tratada de forma condigna, e só será elevada a uma posição de destaque quando as suas **componentes estiverem fortalecidas**. Dentre essas componentes destaca-se a **política**, de **importância vital**, a quem caberia a **inclusão da temática FEB nas diretrizes e bases da educação nacional**, como já é feito com relação a outros temas. Tal ação influirá positivamente na confecção dos currículos escolares e na elaboração da literatura didática pelas editoras, apoiando o papel da escola como organismo disseminador da História, formador da memória social e da identidade brasileira.

4. REFERÊNCIAS

- ALVES, Francisco César Ferraz. *Um Estudo de Memória Escolar*, Artigo da Internet, 2005.
- BRAGA, Rubem, *Crônica da Guerra na Itália*. Rio de Janeiro/RJ: Record, 1985.
- BRAYNER, Floriano de Lima, *A Verdade sobre a FEB*. Rio de Janeiro/RJ: Civilização Brasileira, 1968.
- CAMARGO, Aspásia & GÓES, Walder de, *Meio Século de Combate, Diálogo com Cordeiro de Farias*. Rio de Janeiro/RJ: Nova Fronteira, 1981.
- CANSANÇÃO, Elza, *E Foi Assim Que a Cobra Fumou*. Rio de Janeiro/RJ: Imago Editora, 1987.
- CASTELLO BRANCO, Manoel Thomaz, *O Brasil na Segunda Grande Guerra*. Rio de Janeiro/RJ: Biblioteca do Exército, 1960.
- COSTA, Otávio, *Trenta Anos Depois da Volta*. Rio de Janeiro/RJ: Biblioteca do Exército, 1976.
- DEPOIMENTO de Oficiais da Reserva sobre a FEB*. São Paulo/SP: Instituto Progresso Editorial, 1949.
- LIMA, Rui Moreira, *Senta a Pua!* Rio de Janeiro/RJ: Biblioteca do Exército, 1980.
- LOPES, José Machado, *100 Vezes Responde a FEB*. Curitiba/PR: Imprensa Oficial, 1979.
- MORAIS, J.B. Mascarenhas de, *A FEB pelo seu Comandante*, 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro/RJ: Estabelecimento Cordeiro de Farias, 1960.
- Memórias*. Rio de Janeiro/RJ: Biblioteca do Exército/José Olympio, 1969.
- RODRIGUES, Agostinho J., *Pé de Trincheira*. Curitiba/PR: Editora Forma, 1966.
- SCHNAIDERMANN, Boris, *Guerra em Surdina*. São Paulo/SP: Editora Brasiliense, 1985.
- SILVA, Hélio, 1942, *Guerra no Continente*. Rio de Janeiro/RJ: Civilização Brasileira, 1972.
- SILVEIRA, Joel & MITKE, Thassilo, *A Luta dos Pracinhas*. Rio de Janeiro/RJ: Record, 1983.
- SOARES, Leonércio, *Verdades e Vergonhas da Força Expedicionária Brasileira*. Curitiba/PR, cópia mimeo., 1984.
- WAACK, William, *As Duas Faces da Glória*. Rio de Janeiro/RJ: Nova Fronteira, 1985.